

## Os Anjos no Túmulo de Jesus

### *The Angels at Jesus' Tomb*

*Gilvan Leite de Araujo*

#### **Resumo**

Após a morte e o sepultamento de Jesus, as narrativas bíblicas descrevem os eventos ocorridos no primeiro dia da semana, mais precisamente, o encontro do sepulcro vazio e o/s encontro/s com o Ressuscitado. Os quatro evangelhos descrevem esses eventos, no entanto, de maneiras diferentes. Alguns elementos convergem, como o encontro do sepulcro vazio, a presença de seres divinos e de mulheres, bem como a reação de surpresa e incompreensão. Mas, por outro lado, os quatro evangelhos diferem nesses eventos primários da ressurreição. Aqui queremos destacar essas convergências e divergências e, singularmente, dar maior ênfase ao Quarto Evangelho, no qual descreve a figura isolada de Maria Madalena que interage ao início e ao final da narrativa do encontro do túmulo vazio, centrado nas figuras de Pedro e do Discípulo Amado e a presença de dois anjos, cujo destaque se dá na posição em que eles se encontram na tumba de Jesus. Como tudo no Quarto Evangelho, os detalhes não são aleatórios e expressam significados importantes compreensíveis a partir das Sagradas Escrituras de Israel. O foco se concentrará na figura dos seres espirituais e suas posições, no Quarto Evangelho, que parecem evocar à Arca da Aliança.

**Palavras-Chave:** Evangelhos. Túmulo de Jesus. Anjos. Arca da Aliança.

## Abstract

After the Jesus' death and burial, the biblical narratives describe the events that took place on the first day of the week, more precisely, the meeting of the empty tomb and the meeting(s) with the Risen One. The four gospels describe these events, however, in different ways. Some elements converge, such as the discovery of the empty tomb, the presence of divine beings and women and the reaction of surprise and incomprehension. But, on the other hand, the four gospels differ in these primary resurrection events. Here we want to highlight these convergences and divergences and, singularly, give greater emphasis to the Fourth Gospel, in which it describes the isolated figure of Mary Magdalene who interacts at the beginning and at the end of the narrative of the empty tomb, centered on the figures of Peter and the Beloved Disciple, and in the presence of two angels, the highlight of which is their position in the tomb of Jesus. The details are not random and express important understandable meanings from Israel's Holy Scriptures. The focus will be on the figure of spiritual beings and their positions in the Fourth Gospel, which seem to evoke the Ark of the Covenant.

**Keywords:** Gospels. Jesus's Tomb. Angels. Ark of the Covenant

## 1. Descrição evangélicas do túmulo vazio

Os quatro evangelhos não apresentam um quadro homogêneo da narrativa da Ressurreição. Alguns traços chamam a atenção entre as quatro narrativas:

- a) a presença de Maria Madalena (=os quatro evangelhos) e outras mulheres (=Sinóticos);
- b) ato de tocar (Mt 28) ou não tocar (Jo 20) Jesus;
- c) a/s mulher/es encontra/m a pedra removida;

Acerca da figura divina que dialoga com a/s mulher/es encontra-se a seguinte característica: aparição de anjo/s em Mateus e João; de um jovem em Marcos e de dois homens em Lucas. Leva-se em conta, a distinção lucana, ou seja, o terceiro evangelho descreve a presença de dois homens com vestes fulgurantes (Lc 24,4 + At 1,10) no início do capítulo e de “anjos” na sequência

da narrativa (Lc 24,23). Em todo caso, a narrativa lucana deixa transparecer que se trata de seres divinos.

Na narrativa mateana, é descrito uma teofania durante a chegada de Maria Madalena, outra Maria, ou seja, com a chegada delas ocorre um grande terremoto motivado pelo Anjo do Senhor que desce do céu e remove a pedra que está diante do túmulo de Jesus (Mt 28,1-8). Posteriormente, será o próprio Jesus a pôr-se no meio delas, convidando-as a alegrar-se. A reação das mulheres será a de abraçarem os seus pés, diferindo da narrativa joanina na qual Jesus impede Maria Madalena de tocá-lo (Jo 20,17). Após saudá-las, Jesus as envia para anunciar “aos meus irmãos” que ele os aguarda na Galileia.

A narrativa de Marcos é sóbria, apenas indica que Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé encontram o túmulo aberto e, quando entram, veem um jovem sentado à direita da tumba, vestido com uma túnica branca, anunciando a elas que Jesus ressuscitou e que aguarda Pedro e os discípulos na Galileia. A narrativa primitiva de Marcos termina com a fuga das mulheres amedrontadas (Mc 16,8).

Na narrativa de Lucas, Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago e outras mulheres se dirigem ao túmulo para ungir o corpo de Jesus com aromas, encontrando-o aberto e, ao entrarem, o veem vazio. Neste momento se postam dois homens com vestes fulgurantes que fazem a memória das palavras de Jesus sobre a crucificação e ressurreição ao terceiro dia.

Finalmente a narrativa joanina é construída em três momentos, tendo a figura de Maria Madalena emoldurando a narrativa.

| Jo 20,1-2   | Jo 20,3-10  | Jo 20,11-18  |
|---|---|--|
| Maria Madalena vai ao túmulo e constata que está aberto e crê que o corpo tenha sido removido<br>Corre para contar aos discípulos | Pedro e o Discípulo Amado correm para o túmulo e constata o fato.<br>Verificam que os panos de linho estão jogados pelo chão e o sudário enrolado num lugar a parte.<br>O Discípulo Amado vê e crê. | Maria Madalena retorna para o túmulo;<br>Vê dois anjos dentro do túmulo, um sentado a cabeceira e outro aos pés da tumba de Jesus<br>Estes lhe perguntam o motivo do choro<br>Jesus se posta diante dela e questiona o motivo do choro |

|  |                          |   |
|--|--------------------------|---|
|  | Ambos retornam para casa | Maria Madalena crê tratar-se do jardineiro e indaga o lugar no qual poderia estar o corpo de Jesus<br>Jesus a chama de nome Maria Madalena o reconhece, chamando-o de “Meu Mestre”<br>Jesus recomenda que ela vá anunciar aos irmãos<br>Ela vai anunciar para os discípulos: “Vi o Senhor”. |
|--|--------------------------|---|

A narrativa é emoldurada pela figura de Maria Madalena, num movimento crescente entre ver e crer. Na última parte interage com Maria Madalena os dois anjos e o próprio Jesus. Muito próximo da narrativa mateana, que coloca as mulheres entre o anjo e Jesus. Em Mateus, duas mulheres e um anjo; em João, uma mulher e dois anjos. Em Mateus, Jesus se deixa tocar pelas mulheres; em João, ele impede que Maria Madalena o toque.

Entre Jo 20,3-10 e Jo 20,11-18 deve-se salientar a posição do Discípulo Amado e de Maria Madalena. Os dois chegam diante do túmulo e se inclinam para olhar para dentro. O Discípulo Amado vê as faixas de linho por terra, mas não tem a visão dos anjos. Maria Madalena vê os dois anjos, mas não é mencionado os panos de linho em sua visão. Posteriormente, o Discípulo Amado entra no túmulo, vê e crê. Maria Madalena, vê os anjos que a questionam sobre o pranto, mas imediatamente se apresenta Jesus, de pé, fora do túmulo, a falar com ela. Portanto, a narrativa procura estabelecer certo paralelo entre os dois personagens. O Discípulo Amado crê ao ver os panos de linho e o sudário, enquanto Maria Madalena, crê ao ver o Ressuscitado diante dela.

Sobre o ato de tocar o ressuscitado deve-se sublinhar, ainda, o paralelo entre Maria Madalena e Tomé. Neste caso, Jesus impede Maria Madalena (20,17), mas ordena Tomé de tocá-lo (20,27). O eixo de compreensão é o tema do “ver e crer” que norteia a questão. Além disso, pode-se mencionar o paralelo entre Maria Madalena na ressurreição e a Amada do Cântico dos Cânticos (Ct 3,1-4).

Segundo Zumstein<sup>1</sup>, a seção de Jo 20,11-18 é constituída por três momentos distintos: a) encontro de Maria Madalena com os anjos (vv. 11-13); b) o encontro com Jesus (vv. 14-17); e c) o testemunho pascal (v. 18). Nos dois primeiros momentos existe a mudança de uma manifestação angélica para a manifestação do Ressuscitado. Indica-se assim, que o túmulo de Jesus não é dominado pela morte, mas pela vida. Não tem mais alguém deitado, morto, inerte, mas alguém “de pé”, vivo, que dialoga.

## 2. Os Anjos na tumba da Jesus

Mateus faz menção a um anjo e Marcos a um jovem, ambos vestidos com roupa/túnica branca. Em Mateus, o anjo retira a pedra e senta-se sobre ela, enquanto em Marcos, o jovem está dentro do túmulo “sentado à direita”. Além disso, nestes dois evangelhos, o anjo/jovem recomenda que os discípulos se dirijam para a Galileia, pois o Ressuscitado os precede e lá eles o verão.

As narrativas de Lucas e João mencionam respectivamente dois homens/dois anjos. Lucas os descreve vestidos de roupas fulgurantes. Nas duas narrativas, eles questionam as mulheres: “Porque procurais entre os mortos aquele que vive?” (Lucas) e “Por que choras?” (João). Contudo, enquanto em João o diálogo com a mulher termina com este questionamento, em Lucas prossegue. Neste sentido, Lucas se aproxima das narrativas de Mateus e Marcos, mas de modo distinto. Curiosamente, em Lucas, os anjos aparecem anunciando o nascimento de Jesus de maneira triunfal (Lc 2), mas na ressurreição estes são descritos, num primeiro momento como homens (24,4) e depois como anjos (24,23).

Em Mateus e Marcos, o anjo/jovem tranquiliza as mulheres, convidando-as a não temerem. Em seguida, afirmam saber que elas procuram a Jesus, o Crucificado, mas que ele não se encontra no túmulo pois ressuscitou e pede que elas vejam o local. Em seguida, recomenda que elas se dirijam aos discípulos recomendando-os que retornem para a Galileia, pois Jesus os precede e lá eles o verão. Contudo, na narrativa lucana, todo este diálogo é acrescido pela memória das palavras de Jesus que dizia sobre o Filho do Homem que seria entregue, seria crucificado e ressuscitaria.

---

<sup>1</sup> ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*. p. 930.

Na narrativa de Marcos se faz menção a um jovem vestido com túnica branca. Particularmente, durante a prisão de Jesus, o evangelista narra certo jovem envolvendo seu corpo nu com um lençol, mas quando tentam segurá-lo este foge nu, deixando o lençol (Mc 14,51-52). Portanto, o evangelista coloca um jovem em relação a prisão e a ressurreição de Jesus. De fato, neste evangelho a expressão jovem ocorre somente nestes dois momentos. Contudo, durante o evangelho, diversas vezes é mencionada a presença de anjos (Mc 1,2.13; 8,38; 12,25; 13,27.32).

| Mateus   | Marcos                             | Lucas                                   | João  |
|--|------------------------------------|---|---|
| 01 anjo  | 01 jovem                           | 02 homens                               | 02 anjos  |
| Aspecto de um relâmpago; com indumentária branca como a neve | Vestido com túnica branca          | Vestes Fulgurantes                      | (vestes) brancas  |
| Desce do céu e se senta sobre a pedra que removeu            | Dentro do túmulo sentado à direita | Se postam diante delas dentro do túmulo | Dentro do túmulo, sentado um cabeceira e outro aos pés da tumba |

Mateus menciona o anjo com “indumentária” (ἔνδυμα) branca (λευκός) como a neve. Marcos descreve um jovem com túnica (στολή) branca e Lucas dois homens com vestes (ἑσθής) fulgurantes (ἀστράπτω). João, no entanto, apenas menciona que os anjos estão “em [vestes] brancas”. Tirando a menção lucana de “vestes fulgurantes”, os demais são concordes ao mencionar trajés “brancos”.

No Quarto Evangelho, os anjos estão sempre em relação à pessoa de Jesus. Assim, no início encontram-se as palavras de Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51) evocando o tema da escada de Jacó (Gn 28,10-19). Durante o anúncio da glorificação, quando Deus fala, a multidão pensa tratar-se de um anjo (Jo 12,29) e finalmente, na narrativa da ressurreição.

Segundo Michaelis<sup>2</sup>, o “branco” é uma cor tipicamente escatológica. A narrativa da Transfiguração de Jesus (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36) descreve justamente esta aproximação. O livro do Apocalipse sustenta esta aproximação.

<sup>2</sup> MICHAELIS, W., λευγός, λευγαίνω. p. 676-678.

Os que morreram em Cristo, receberam a veste branca (Ap 6,9-11). Estes formam a grande multidão celeste vestida de branco (Ap 7,9-17). Assim, a veste branca possui a função de indicar realidade celeste e pode ser configurada como um “dom” para aqueles que permanecem em Cristo (homens e anjos): “*lavaram suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro*” (Ap 7,14). Acima de tudo, para Michaelis, a veste branca não é símbolo de pureza, mas expressão da “glória” (δόξα) celeste. Tal perspectiva se adequa perfeitamente com a concepção da manifestação da “glória” do Filho e do Pai no Quarto Evangelho.

Assim, as narrativas evangélicas colocam as figuras reveladoras da ressurreição (anjo, jovem, homens) em perspectiva celeste, ou seja, se trata de seres espirituais que estão em relação à pessoa de Jesus Cristo Ressuscitado.

### 3. Dois Anjos em João

Uma primeira aproximação indireta que pode ser feita é com a narrativa de Moisés diante da sarça ardente. Observa-se que num primeiro momento, quem fala com Moisés é “o anjo de YHWH” (Ex 3,2), logo em seguida é o próprio YHWH que passa a dialogar com Moisés. Em João, primeiro os anjos indagam Maria Madalena sobre o motivo do pranto, em seguida é o próprio Jesus que faz a mesma indagação.

Outro ponto de destaque é a posição dos anjos dentro do túmulo, ou seja, um à cabeceira e outro aos pés da tumba. Esta posição evoca justamente os querubins na Arca da Aliança.

Na tradição veterotestamentária, encontram-se referências a seres espirituais benéficos, chamados de anjos, querubins e serafins e seres maléficos, chamados de demônios. YHWH sempre permaneceu como único poder criador do universo, mesmo que na corte celeste incluía a presença destes.<sup>3</sup> De fato, o período pré-exílico já concebe Deus como rei. Enquanto tal possui uma corte que o assiste: conselheiros, guerreiros, agentes etc. Estes divinos seres aparecem frequentemente como um grupo (Gn 28,12; Sl 29,1; 89,6-9) e eram compreendidos como um “conselho” de Deus (Sl 82,1ss, Jr 23,18.22; Jó 15,8). Uma clara descrição deste Conselho reunido e deliberando junto com Deus encontramos no Primeiro Livro dos Reis:

---

<sup>3</sup> BIETENHARD, H., Angelo, Messagero. p. 56.

Eu vi YHWH assentado sobre seu trono; todo o exército do céu estava diante dele, à sua direita e à sua esquerda. YHWH perguntou: Quem enganará Acab, para que ele suba contra Ramot de Galaad lá pereça? Este dizia uma coisa e aquele outra. Então o Espírito se aproximou e colocou-se diante de YHWH: Sou eu que o enganarei', disse ele. YHWH lhe perguntou: E de que modo? Respondeu: Partirei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas. YHWH disse: Tu o enganarás, serás bem-sucedido. Vai e faz assim. (1Rs 22,19-22)

Possivelmente por causa do seu lugar privilegiado, os anjos deveriam ser considerados como detentores de conhecimento e discernimento (2Sm 14,17; 19,28). Além disso, segundo Dt 32,8, foi conferido à cada nação da terra um anjo como guardião, sendo Israel reservado ao cuidado pessoal de YHWH.

#### 4. Anjos e Querubins

O Antigo Testamento descreve figuras espirituais ou humanas enviadas por Deus ou por uma pessoa designadas por “mensageiro/s” (*mal'āk* ou *mal'ākīm*: Gn 28,12; 48,16; Jó 1,6; 2,1). Entre as figuras angélicas destaca-se o “anjo de YHWH” que assume o sentido próprio de um ser espiritual enviado por Deus com funções próprias (Gn 22,11; Ex 3,2).<sup>4</sup>

A angelologia bíblica do AT se desenvolverá no período pós-exílio, diante da evolução da compreensão de Deus como Criador e, portanto, Único.<sup>5</sup> Neste sentido, os anjos assumem papel de intermediários entre Deus e os homens (Ez 40,3-4). Na Apocalíptica Judaica e Cristã, os anjos, enquanto intermediários, serão descritos como “intérpretes” dos oráculos divinos. A profecia de Daniel é considerada a primeira obra a conferir nomes específicos aos seres espirituais, ao fazer menção a Gabriel e Miguel (Dn 8,16; 9,21; 10,13.21; 12,1)<sup>6</sup>. O livro de Tobias também menciona o nome do ser espiritual: “*Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor*” (Tb 12,15).

Sob a influência da Babilônia e da Pérsia, progressivamente Israel desenvolverá uma doutrina hierárquica angélica, que conhecerá outros seres espirituais como os querubins e os serafins.<sup>7</sup> Particularmente, o livro de Jó e a

---

<sup>4</sup> VON RAD, G. ἀγγελος, p. 203.

<sup>5</sup> VON RAD, G. ἀγγελος, p. 208-209.

<sup>6</sup> VON RAD, G. ἀγγελος, p. 211.

<sup>7</sup> VON RAD, G. ἀγγελος, p. 211-212.



profecia de Zacarias descrevem um “mundo do meio” entre o céu e a terra, que ambientará o encontro entre Deus e o diabo (Jó 1; Zc 3,1-10; 5,5-11) proveniente das cosmogonias da Babilônia e da Pérsia.<sup>8</sup>

Os serafins são descritos na grande visão que emoldura a vocação de Isaías, no qual o profeta vê seres híbridos com seis asas que entoam canto de louvor a YHWH (Is 6,2.6). Contudo, encontram-se apenas estas duas referências a estes seres espirituais.

Os querubins são habitualmente apresentados com função militar, formando, assim, a milícia celeste. Neste sentido, na iconografia cristã, eles sempre serão representados com trajes militares. Isto explica o motivo pelo qual Miguel, mesmo sendo um Arcanjo, ser representado com trajes de querubins por liderar tal milícia (Ap 12,7). Em relação à Arca da Aliança, os querubins aparecem ao lado da Arca em posições opostas, mas um voltado para o outro, tendo suas asas se tocando. Tal posição é vista, pela tradição deuteronomista, como que formando um trono para YHWH, tendo a Arca a função de escabelo no qual Deus apoia os seus pés. Deve-se levar em consideração que o fato de ser dois querubins, pode evocar a função de guarda, ou seja, protetores da Arca e de seu conteúdo.

Segundo Haran<sup>9</sup>, Dhorme e Vicent<sup>10</sup>, os dois querubins apresentados pela tradição sacerdotal, como aqueles que aparecem na consagração do Templo de Salomão e aqueles da visão de Ezequiel, representariam nada menos do que o trono de YHWH.

Por sua vez, Meyers concebe as palavras “querub” (sing.) e “querubins” (pl.) aparecem mais de noventa vezes na Bíblia Hebraica, e sempre em contexto sagrado. Não existe uma uniformidade sobre a sua aparência, apenas que são seres alados. Os querubins são apresentados através de duas formas: a) bidimensional: quando aparecem bordados em tecidos ou esculpidos em baixo relevo; b) tridimensional: que são os seres alados, propriamente dito, ou uma estátua destes.<sup>11</sup>

O Templo de Jerusalém possuía, também, dois grandes querubins, esculpidos em madeira de oliveira e revestidos em ouro. A expressiva medida dos querubins pode ser sentida quando se fala que suas asas se tocavam entre si e se entendiam por toda a largura do Templo tocando as paredes laterais deste

<sup>8</sup> SACCHI, P. *Storia del Secondo Tempio*. P. 127-130.

<sup>9</sup> HARAN, M. *Temples and Temple-Service in ancient Israel*. p. 251.

<sup>10</sup> DHORME, P. et VICENT, L.H. *Les Chérubins*. p. 485.

<sup>11</sup> MEYERS, C. *Cherubin*. p. 899-900.

(1Rs 6,23-28; 8,6-7). Como já citado acima, os querubins possivelmente seriam o trono no qual se assenta YHWH (2Rs 19,15).

Na sua forma de ser alado, os querubins aparecem em Gênesis como porteiros do Jardim do Éden portando “*a chama da espada fulgurante*” para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3,24).

Segundo o livro do Êxodo, os querubins aparecem sobre a Arca, enquanto no livro dos Reis, ao lado da Arca da Aliança. Além da sua possível função de trono de YHWH (2Rs 19,15), eles possuem a função de cobertura ou abrigo ou proteção da Arca. Nos textos de Ex 25,20; 37,9 e 1Rs 8,7 eles têm a função de *skk* (cobrir).<sup>12</sup> O relato sacerdotal apresenta o verbo “*skk*” somente indicando a posição da Arca em relação as asas dos querubins. Contudo, ainda em Êxodo, quem possui a função de cobrir a Arca da Aliança não são os querubins, mas sim o véu (Ex 40,3.21) expresso com o mesmo verbo *skk*. Chama a atenção, a narrativa de 2Cr 28,18, no qual relata que a função dos querubins, além daquele de ser *skk* é, também, a de ser, junto com a Arca, provavelmente, um “carro divino”; não se pode afirmar que se trate de um acréscimo accidental do autor, mas chama a atenção, principalmente quando se entra em contato com o relato da carruagem de fogo de Ezequiel 1 e 10.

Segundo Haran, a função dos querubins, de ser o trono de YHWH, encontra certa dificuldade em 2Sm 22,11 e no Sl 18,11, nos quais YHWH aparece cavalgando sobre “um” querubim. No AT os querubins são apresentados em diversas formas. Porém, uma imagem não anula a outra, pois se trata de criaturas celestes que, ao lado de outras criaturas celestiais (arcânjos, anjos, serafins), formam a “milícia celeste ou exército do céu” e servem a Deus em diversos modos (1Rs 22,19; Sl 148,2).<sup>13</sup>

Tomando em consideração que o propiciatório e os querubins formariam o trono de YHWH, pode-se considerar a Arca com a função de “escabelo” do trono, além daquela de ser o abrigo das tábuas da Aliança. Haran confirma a prática de se guardar documentos, escritos, contratos nos templos, em caixas especiais, aos pés de imagens de divindades pelos egípcios, hititas e, provavelmente, por todo o oriente próximo. Estes documentos eram testemunhos (*‘edūt*)<sup>14</sup> ou alianças (*b<sup>e</sup> rît*)<sup>15</sup> postos aos pés das divindades, que por sinal, era o lugar mais apropriado para se

<sup>12</sup> HARAN, M. Temples and Temple-Service in ancient Israel. p. 252.

<sup>13</sup> HARAN, M., Temples and Temple-Service in ancient Israel. p. 254-255.

<sup>14</sup> Expressão usada por P.

<sup>15</sup> Expressão usada por D.

guardar tais documentos. Que a tradição deuteronomista ou sacerdotal atribuem o nome de Aliança, para um, e testemunho, para o outro, serve como justificativa de que as tábuas da Aliança se tratem, verdadeiramente, de um documento legal estabelecido entre duas partes (YHWH e o povo de Israel). O que permite perceber tal fato, é a citação acidental em Dt 31,26 que especifica que o Livro da Torá é também posto dentro da Arca da Aliança de YHWH.<sup>16</sup>

Os símbolos do trono e do escabelo servem também para especificar o Templo como casa de Deus, ou melhor, a casa de Deus possui um trono e um escabelo. Em Is 66,1 quando YHWH fala da sua morada, Ele destaca que o céu é o seu trono e a terra é o seu escabelo. Fica claro em 1Cr 28,2 (+ Sl 99,5 e 132,7) que a intenção de Davi construir o Templo de Jerusalém é o de pôr a Arca da Aliança de YHWH como “*pedestal de nosso Deus*”.

Pode-se concluir, a partir dos textos apresentados, que a Arca e os querubins, nos textos bíblicos do AT, assumem a função de trono e escabelo dentro do Templo de Jerusalém, que é a residência terrestre do Nome de YHWH, principalmente pela atestação de Ex 25,22 e Nm 7,89.

No NT se encontra apenas uma menção direta a querubins e em relação com a Arca da Aliança:

Por detrás do segundo véu havia outra tenda, chamada Santo dos Santos, com o altar de ouro para os perfumes, a arca da aliança toda recoberta de ouro e, nesta, um vaso de ouro com o maná, o bastão de Aarão que florescera e as tábuas da aliança; e, por cima da arca, os querubins da glória cobriam com a sua sombra o propiciatório (Hb 9,3-4)

Apesar desta menção, os seres angélicos (anjos, querubins, serafins) são atenuados apenas à categoria de “anjos” e estes como auxiliares do Senhor ou da Igreja.

O cristianismo assume a concepção do AT de anjos como *representantes do mundo celeste e mensageiros de Deus*. Assim, os anjos representam outro mundo (Hb 12,22; 1Tm 5,21). Assemelhar-se aos anjos quer dizer, possuir em si mesmo alguma coisa divina, do céu (At 6,15) e quem o recebe, acolhe um “anjo” ou o próprio Deus (Gl 4,14). Ser espetáculo para os anjos é tornar-se espetáculo para os habitantes do céu (1Cor 4,9).

---

<sup>16</sup> HARAN, M., Temples and Temple-Service in ancient Israel. p. 254-255

Os anjos acompanham e agem efetivamente, seja anunciando os desígnios divinos, seja servindo a Jesus Cristo desde o seu nascimento até a sua ascensão aos céus; igualmente os anjos agem na Igreja acompanhando-a e servindo-a, no decorrer da sua história. O anjo do Senhor liberta Pedro da prisão, conduzindo-o para fora do cárcere por duas vezes (At 5,19 e 12,7ss): *“Agora sei realmente que o Senhor enviou o seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda expectativa do povo judeu”* (At 12,11). Anuncia a vontade do Senhor: *“O Anjo do Senhor disse a Filipe: Levanta-te e vai... desce a Jerusalém...”* (At 8,26ss; 10,3ss) e ainda *“Pois esta noite apareceu-me um anjo do Deus ao qual pertença e a quem adoro, o qual me disse: Não temas Paulo, Tu deves comparecer diante de Cesar...”* (At 27,23). Finalmente, os anjos punem os inimigos da Igreja (At 12,23).

## 5. A Arca da Aliança de YHWH

Um dos eventos que marcam a solenidade da consagração do Templo de Jerusalém é o traslado da Arca da Aliança, junto com a Tenda da Reunião e todos os objetos sagrados, da Cidade de Davi para o Templo. Intencionalmente, tal evento teve a função de vincular a antiga tradição do deserto e de Silo com a nova realidade política e religiosa, que vinha se desenvolvendo desde o reinado de Davi e se fortalecia com o reinado de Salomão. Além de estabelecer um vínculo, tal ligame legitimava o Templo e, ao mesmo tempo, estabelecia uma continuidade da tradição do deserto e de Silo.<sup>17</sup>

A Arca, segundo o relato do livro do Êxodo, surge por uma ordem direta de YHWH, de construir uma arca de madeira de acácia, com dois côvados e meio de comprimento e um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura, toda ela revestida de ouro, com quatro argolas de ouro por meio das quais se passavam os varais de madeira de acácia, também revestidas em ouro, para o seu transporte. Sobre a Arca existia o propiciatório feito em ouro. Nas extremidades da Arca encontravam-se dois querubins, também em madeira de acácia e revestidos em ouro, cujas asas recobriam a arca e formavam um só corpo com o propiciatório (Ex 25,10ss).

Existem diversas referências sobre a Arca no AT, nada menos que vinte e duas designações. Frequentemente ela é designada somente como “Arca” ou como “Arca de YHWH” ou “Arca de Deus” ou “divina Arca”, a tradição

---

<sup>17</sup> ARAUJO, G. L., A Arca da Aliança. p. 234.

deuteronomista tende a denominá-la como “Arca da Aliança de YHWH” enquanto a tradição sacerdotal prefere denominar “Arca do Testemunho”.<sup>18</sup> Assim, a tradição tende a conceber a Arca como um escabelo do trono de Deus, enquanto a tradição sacerdotal a concebe como um objeto sagrado e, muitas vezes, possuidor de forças espirituais particulares.

A narrativa de 1Sm 4-6 associa Arca com o nome divino de “YHWH dos Exércitos, entronizado entre os querubins” (1Sm 4,4). Os textos de Js 3,3 e Dt 10,8 relacionam os dois nomes divinos, ou seja, YHWH e Deus em relação a Arca (*Arca da Aliança de YHWH vosso Deus*). Em 1Sm 5,7 encontra-se o nome a Arca do Deus de Israel. Apesar das variações, em geral a Arca frequentemente, está relacionada com o nome divino devido à sua importância e pelo que ela comporta e representa.

A Arca permanece no Templo de Jerusalém até o período anterior ao Exílio da Babilônia; depois disto, desconhece-se o seu paradeiro e como ela tenha desaparecido. O AT guarda um certo silêncio a este respeito. A primeira hipótese é de que durante o reinado de Roboão, a Arca tenha sido levada junto com os despojos de guerra para o Egito, durante a invasão de Sescac (1Rs 14,25-28). Uma segunda hipótese é que, após a vitória do rei de Israel Joás sobre o rei de Judá Amasias, a Arca da Aliança tenha sido levada, também, como despojo de guerra para o reino do norte (2Rs 14,8-14). A terceira hipótese aponta sobre a apostasia de Manassés, que profanou o Templo com altares, imagens e cultos pagãos (2Rs 21,4-6). A quarta e última hipótese aponta para o exílio da Babilônia, na qual a Arca tenha sido conduzida para a Babilônia ou destruída. Contudo, o fato de a Arca da Aliança não constar na lista dos objetos saqueados do Templo leva a pensar que ela, provavelmente, tenha sido eliminada durante o reinado de Manasses, reforçando a terceira hipótese (2Rs 25,13-17; Jr 52,17-23). Uma incógnita sobre o paradeiro da Arca nos é apresentada em 2Mc 2,7-8, onde Jeremias a teria escondido em uma caverna, mas o relato não goza de muita credibilidade, podendo apenas ser um modo de legitimar a continuidade do culto apesar da ausência dos objetos sagrados, que compunham o Templo.

Existem diversas tendências entre os exegetas quanto à concepção da Arca. A primeira concebe a Arca como uma extensão ou real presença de YHWH (Nm 10,35-36; 1Sm 6,3.5.8.20); A segunda tendência concebe a Arca como um Anfictiônico Paládio de Guerra dos tempos anteriores à monarquia (1Sm 4); a

---

<sup>18</sup> DAVIES, G. H., *Ark of Covenant*. p. 222.

terceira tendência vê a Arca como uma caixa, que poderia conter alguma pedra amuleto, um meteorito do Monte Sinai ou alguma imagem ou, ainda, as duas tábuas da Lei (Ex 25,16,21; 1Rs 8,21 = 2Cr 6,11); outra tendência tende a ver a Arca como um trono portátil para a invisível presença de YHWH.<sup>19</sup>

Léon-Dufour<sup>20</sup> compreende os dois anjos no túmulo de Jesus, segundo a narrativa joanina, como direto paralelo com os querubins da Arca da Aliança. Tal proposta será contestada por Zumstein<sup>21</sup>, mas corroborada por Simoens<sup>22</sup> que aproxima a palavra “anjos” com “querubins” da Arca da Aliança. No geral, os demais estudiosos não atribuem importância aos anjos em João e, quando o fazem, apenas o colocam em relação com os Sinóticos. Aqui se parte desta perspectiva de Léon-Dufour e de Simoens de que se trate, de fato, de uma aproximação com o tema da Arca da Aliança, tendo em vista que o Quarto Evangelho é perpassado pela teologia do Êxodo e pela teologia da Criação. Portanto, vários outros fatores, ao interno do evangelho, corroboram para tal concepção.

## Conclusão

As narrativas sobre o túmulo de Jesus, após a sua ressurreição, possuem claras distinções entre os personagens que atuam: anjos, jovem, homens - Maria Madalena e demais mulheres. Nos Evangelhos, apenas em Mateus e João é que se faz menção à presença de Jesus diante da/s mulher/es, enquanto, em Marcos e Lucas, os anjos/homens recomendam que Ele encontrará os discípulos na Galileia. Em todo caso, os seres angélicos é que assumem o papel de anunciadores do Ressuscitado.

Os dois anjos descritos na narrativa joanina, um sentado a cabeceira e outro aos pés do túmulo deixam transparecer clara aproximação com o tema da Arca da Aliança. Hipoteticamente é plausível tal aproximação, principalmente por causa relação entre Jesus e a Lei, levando em consideração que Arca da Aliança contivesse a Lei de Israel dada por Deus. No Quarto Evangelho esta aproximação entre Jesus e Lei é verificável em passagens como “*eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6), alusão direta ao tema da Lei no AT (Sl

---

<sup>19</sup> DAVIES, G. H., Ark of Covenant. p. 246.

<sup>20</sup> LÉON-DUFOUR, X., Lectura del Evangelio de Juan, p. 179.

<sup>21</sup> ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. p. 932.

<sup>22</sup> SIMOENS, Y., Évangile selon Jean. p. 424-425.

1 e 119). Além disso, na Literatura Joanina, a Arca da Aliança é descrita no céu, dentro do Templo de Deus (Ap 11,19).

## Referências bibliográficas

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. ver. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus 2003.

ARAÚJO, G. L. Arca da Aliança. In: **Estudos Teológicos São Leopoldo** v. 51 n. 2 p. 234-248 jul./dez. 2011.

BIETENHARD, H. Angelo, Messagero. In: PRATO, G. L.; PIAZONNI, A. M.; OCCHIPINTI, P. (Orgs.). **Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia**, Torino: Piemme 1997. p. 56-57.

DAVIES, G. H., “Ark of the Covenant”, In: **The Interpreter’s Dictionary of the Bible**, vol. I, Nashville: Abingdon Press 1962, p. 222-226.

DHORME P. et VICENT L.H., Les Chérubins, **Revue Biblique**, v. 35, n. 04, p. 481-495. 1926.

HARAN, M. **Temples and temple-service in ancient Israel: an inquiry into the character of cult phenomena and the historical setting of the Priestly School**. Oxford: Clarendon Press, 1978.

LÉON-DUFOUR, X. **Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18-21**. Salamanca: Sígueme, 2001. v. IV.

MEYERS, C. Cherubim. In: FREEDMAN, D. N. (Org.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. p. 899-900. v. I.

MICHAELIS, W. “λευχός, λευχαίνω”. In: KITTEL. G.; FRIEDRISH. G., **Grande Lessico del Nuovo Testamento**, 2000. p. 657-682. v. VI.

SACCHI, P. **Storia del Secondo Tempio. Israele tra VI secolo a.C. e I secolo d.C.** Torino: Claudiana, 2019.

SIMOENS, Y. **Évangile selon Jean**. Paris: Éditions Facultés Jésuites de Paris, 2016.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p344

VON RAD, G. “ἄγγελος”. In: KITTEL, G.; FRIEDRISH, G., **Grande Lessico del Nuovo Testamento**, 1965. p. 202-213. v. I.

ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. v. II: 13,1-21,25. Torino: Claudiana, 2017.

***Gilvan Leite de Araujo***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università

San Tommaso D’Aquino – Itália

Docente do Departamento de Teologia na Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo

São Paulo/SP – Brasil

E-mail: glaraujo@pucps.br

Recebido em: 30/07/2022

Aprovado em: 13/12/2022